

Jenny von Westphalen Marx



Por **ARI MARCELO SOLON***

A presença da esposa de Marx

“O peso das gerações passadas assombra como um pesadelo as novas” (Karl Marx).

Nós, marxistas, temos com o que nos orgulhar. Jenny von Westphalen Marx redigiu as obras mais importantes do socialismo revolucionário. Deu à luz a muitos filhos, perdeu tantos outros, e, apesar da tragédia, foi uma mulher exemplar na militância política a favor do socialismo revolucionário. Abrigou os communards em sua casa, em Londres, os refugiados da comuna de Paris. Ela não tinha nem pão para comer e dar a seus filhos, mas o concedia aos pobres exilados. Amava seu marido incondicionalmente. Tinha um pouco de sua origem na aristocracia: era da pequena nobreza, proveniente de funcionários públicos

Seu marido, entretanto, era imperfeito. Ao longo de sua vida, várias expressões racistas utilizava. Referiu-se ao socialista Lassalle como “negro judeu”.

Enquanto Jenny dava a luz a uma de suas queridas filhas, Marx engraçava-se com a empregada, e obrigou-a a conceber a criança anonimamente (posteriormente adotada por Engels).

Qual era o problema de Karl Marx?

O problema era o Complexo de Édipo com sua mãe judia.

Tanto do lado materno quanto do lado paterno, Marx descende de dinastias rabínicas. Ocorre que do lado paterno o pai, por questões de oportunidade, converte-se ao cristianismo. Observa-se na passagem a seguir a presença dessa origem: “Marx was converted to Christianity when he was six years old. His father had converted a year before his birth; his mother was to convert a year after his own conversion, so that when we address the question of Marx’s Jewish identity it is clearly not within any theological or ethnic definition” (GILMAN, 1988, p. 275).

É uma conversão bem-sucedida. Tanto o pai quanto o filho acreditam que, de fato, converteram-se ao espírito prussiano. A Prússia germânica estava acima de tudo: “Karl Marx’s father, Heinrich Marx, born Heschel Marx, was not atypical of the acculturated Jews who saw conversion to Christianity as the natural next step in entering German society. He had strong emotional ties to his sense of “Germanness,” opposing Napoleon and supporting the German position during the “War of Liberation.” This identification with the German society was heightened by the family’s life in Trier, a city perched on the linguistic border between German, French, and Dutch. Of all the cities in Loter, the ancient settlement of German Jewry, it was the area in which the level of awareness of the political and social implication of language was the highest. Marx’s language as a child was German. His father’s identification was with the Prussian state and thus with the German language and its concomitant rhetoric” (GILMAN, 1984, p. 276).

Já a mãe mal sabia alemão. Todas as cartas escrevia ao filho com yiddishismos e desconhecimento total da língua pátria. Isso fez com que as obras perfeitas, hegelianas, que Jenny digitava tivessem erros ideológicos. Quando criticou o antisemita Bauer, por negar emancipação cívica aos judeus, e Marx a defendendo, não deixou de constatar o espírito do materialismo da religião materna.

Até na obra máxima que Jenny digitou, *O Capital*, há erros ideológicos. A bela teoria aristotélico-hegeliana da mercadoria é um pouco comprometida com resquício da raiva com que Marx sentia pela herança materna. A mercadoria fala uma língua

de trapaceiros, de mercadores, de *Ostjuden* (judeus polacos).

Ainda bem que tivemos Jenny e todas as suas filhas (quatro belas Jenny) para nos orgulharmos cem por cento do socialismo revolucionário.

***Ari Marcelo Solon** é professor da Faculdade de Direito da USP. Autor, entre outros, livros, de Caminhos da filosofia e da ciência do direito: conexão alemã no devir da justiça (*Prismas*).

Referências

GILMAN, Sander L. Karl Marx and the Secret Language of Jews. *Modern Judaism*, v. 4, n. 3, p. 275-294, out. 1984.

VON KROSIGK, Lutz Schwerin. *Jenny Marx. Liebe und Leid im Schatten von Karl Marx*. Wuppertal: Staats-Verlag, 1976.